

## SEM NOME

Kamille Vitória Vianna Maia

Letras - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

### PARTE 1

Não parecia real. Nada daquilo.

A dificuldade para respirar não tinha motivo. O peso no meu peito não tinha motivo. Não podia significar algo. O chão frio contra meu joelho me dizia o contrário em uma sensação cortante. Não era nada. Eu era pessimista, só isso. A mão macia, mas gelada, mesmo quando sempre estive tão quente, de minha avó não significava nada. Não era nada. O sussurro de meu tio no ouvido de minha mãe, aquele que a fez correr pelo corredor da ala médica não significava nada.

As rampas de acesso pareceram infinitas quando corremos por elas, fazendo curvas e curvas seguidas como em um labirinto. Não sei porque não subimos pelas escadas. O corrimão enferrujado e o estado depredado do hospital foram o que causaram o clima ruim, pesado, que afundava meu peito. Foi isso. Foi o jeito descontrolado que minha mãe dirigiu, a forma que só parou o carro, sem se preocupar em estacionar e pulou do banco. Foi a forma que eu fiz isso. Não era nada. Só preocupação. Não era nada.

Eu repeti e repeti e repeti que não era nada desde que fui atingida pelo ar condicionado, pelo cheiro estéril do hospital. Desde que pulei da cama, talvez. Durante todo o caminho em que morrer pela direção louca e desgovernada do carro não significou nada, e a única coisa que passava em minha cabeça eram perguntas. Por que ela estava dirigindo daquele jeito? Sentia o que eu estava sentindo? Era coincidência? Não significava nada.

O rosto contorcido da minha família na sala não significava nada. Cada um em um canto, eles não se olhavam, não conversavam. Eu forcei o ar para dentro. Não significava nada. Estava no meio da recepção, assistindo minha mãe caminhar até meus tios e falar alguma coisa. Não consegui ouvir, percebi um zumbido permanente em meu ouvido. *Será que estava lá há muito tempo?* Meus membros começaram a pesar mais e mais e mais. *Será que eu conseguia me mexer?*

Não sei dizer o que passou com o tempo. Não sei se passaram horas ou minutos. O mundo estava congelado, ou eu estava. Pessoas passavam de um lado para o outro, na minha frente e atrás de mim, pessoas que eu conhecia e pessoas que não. Eu não vi nenhuma delas. Vi as cores da roupa, dos cabelos. O resto era um borrado profundo e marcante, como vinho em um lençol branco. Inodoro. Ou era o meu olfato

totalmente contaminado pelo cheiro ácido de *álcool? Desinfetante? Éter?* Fosse o que fosse, tomava conta de cada sensor meu.

O *tic-tac* insistente de um relógio batia em minha cabeça. Tomando o lugar do zumbido, ele ultrapassou a barreira que escondia o mundo de mim. *Tic-tac*. Meu coração palpitou duas vezes. *Tic-tac*. Eu engoli com força. Um borrão branco saiu do corredor pelo qual minha mãe havia entrado. Ela estava mesmo andando em câmera lenta? *Tic-tac*. Algum ombro esbarrou no meu. Eu pisquei duas vezes. Ainda estava de pé, no meio da recepção. *Tic-tac*. Encontrei o relógio na parede à minha frente. O ponteiro fininho correndo feito louco, o de minutos tomando seu tempo para andar. E, ainda assim, tudo parecia distante. Devagar. Ou era só o meu cérebro esquecendo de detalhes e modificando outros.

Abaixo do relógio, a cabeleira loira balançou enquanto minha mãe se debatia nos braços de um outro borrão branco. A primeira coisa que ouvi foi sua voz, seu grito pelo pai. Disparado direto contra o meu coração, objetivo, afiado, cravando na carne, furando camada por camada, lentamente, estourando cada uma delas em um estalo. Até se fazer constante, até se mesclar ao músculo, tão atravessado, tão fundo que era facilmente confundido. Mas doía.

Um dos meus tios, que estava sentado ao lado de minha avó, se levantou para segurar minha mãe. Um nó se apertou em minha garganta quando ela chorou em seu peito. Senti o frio que não havia sentido até então, o pijama fino e condizente com o calor da cidade não protegia nada da rajada de ar gelado. Eu me movi, caminhando inconscientemente até minha avó. Me ajoelhei ao seu lado e segurei sua mão, sabia que a minha estava fria, mas esperava receber o calor da sua. Ele não veio. Queria que alguém me dissesse que tudo ficaria bem. Mas ela não disse nada. Apertei seus dedos, ela também precisava de força.

*Fala comigo.*

Não era nada. Não era nada.

— Não é nada — repeti para que me ouvisse.

A pele enrugada estava relaxada em uma expressão caída, os olhos escuros fitavam o local onde nos tocávamos. Se não era nada, porque ela parecia abatida?

Engoli o medo. Engoli as dúvidas. Não era nada. Meu avô subia em telhados, consertava qualquer coisa, andava para todo lado, buscava suas plantinhas para fazer o chá que ele dizia curar tudo. Meu avô sairia dali, porque pensar que alguém como ele poderia simplesmente não sair não fazia sentido.

Eu respirei fundo e permaneci ao lado dela enquanto meu tio mais velho conversava com funcionários, enquanto ia lá dentro e voltava diversas vezes. Enquanto

meu tio mais novo consolava minha mãe em prantos. *Não precisa chorar.* Não era nada.

O silêncio caiu junto ao vento frio, envolvendo e abatendo. Nós o aceitamos. Eu o aceitei. Deixei que me cobrisse, que anesthesiasse qualquer outra sensação que não fosse a mais crua e pura conformação. Eu tinha uma certeza, eu tinha, e deixei que ele a congelasse, que não a questionasse. Ouvia as batidas do meu coração em meu ouvido. A cada segundo. Marcando um tempo que eu não queria saber.

Por que demorava tanto?

Apertando os dentes uns contra os outros, me permiti afundar no torpor que me ameaçava pela garganta, brotando do grito enraizado no meu peito, subindo, rastejando como uma cobra, áspero e lentamente, brincando pelo meu queixo, imobilizando meu corpo e, por vezes, minha boca. Mergulhei por vontade própria e só saí quando senti minha avó se mexer.

Sua cabeça virou para trás, uma mão em seu ombro a tinha chamado. Meu tio. Não lembro da expressão dela, da voz dela. Mal me lembro da dele. Mas suas palavras permaneceram.

— Ele não resistiu.

*Não resistiu a quê?*

Deram algo para ele e ele não aguentou? “Não resistiu” é uma sentença muito vaga. Vaga o suficiente para que minha mente divagasse. Mil hipóteses surgiram em segundos. “Não resistiu” poderia significar muitas coisas. Muitas. E nenhuma delas era que eu não o veria mais.

— Não resistiu a quê? — perguntei, ou acho que perguntei.

Tudo a partir dali era um caos batido no liquidificador. Eu poderia ter falado em um fio de voz assim como ter gritado, ou só pensado tão alto e tão forte que minha memória se confundiu. Eu não sei se me responderam. E não sei o que aconteceu comigo depois.

## PARTE 2

O costume de usar preto em velórios não parece ter tanta força no Brasil quanto lá fora. Não sei qual roupa eu usava naquele dia, não me lembro nem da cor. Algumas vezes eu me perguntava se esse era o intuito de ser tradição o preto: não se esquecer e não ter que viver com o fardo de não lembrar. Porque não lembrar é quase sinônimo de não se importar. E eu queria me importar. Queria me lembrar.

Queria me lembrar de coisas que me convencessem de que aquele dia fora tão ruim para mim quanto para qualquer outro naquela sala, naquele cemitério. Eu o amava. Amava com toda a força do meu coração, eu sentia em cada batida antes de sua morte. Antes, pensar em não tê-lo me fazia chorar. Já havia acontecido. Várias vezes.

No entanto, eu estava lá. Em algum canto que eu não me lembro, vendo pessoas das quais eu também não lembro, dentro de uma sala com um único vaso de flores brancas e o caixão bem no meio. Vendo minha irmã pendurada ali, sem sair para ninguém se aproximar, o rosto contorcido em pura dor e molhado de lágrimas que jamais cessavam, a mão acariciando a testa dele, pálida, ainda que sua pele fosse comumente mais escura, de um marrom vivo. Os dedos finos dela passeavam da pele até o cabelo, sem nunca deixá-lo. Ela falava com ele, sem parar. E a dor dela quase me atingia.

Em minha defesa, algumas lágrimas também caíram dos meus olhos, o meu peito estava apertado. E quando eu tentei me aproximar, quando eu tentei tocar, o frio da pele dele me arrepiou. E eu não consegui. Encostei a ponta dos dedos na testa enrugada, próximo ao sinal com o qual eu costumava brincar, e o primeiro impulso que tive fora de me afastar. Eu ainda insisti, tentei acariciar, mas não consegui. E não entendi, não entendo o motivo. Era minha última chance de tocar nele, de falar com ele, e não consegui.

O cheiro, que nunca soube de onde vinha — apesar de achar que poderia ser do formol que poderiam ter utilizado no corpo, e, se fosse, preferiria continuar sem saber a origem —, embrulhou meu estômago. Me deixou doente. Me deixou longe. Mas não parecia afetar nenhuma outra pessoa ali presente.

Foi pior quando chegamos ao túmulo. O homem parecia terminar de cavar, jogando mais duas pás cheias de terra para cima do monte logo ao lado do buraco que eles fizeram. O choro se tornou ainda mais alto. De várias pessoas que nos seguiram até ali. Menos o meu. *Por que eu não estava quebrando?*

Minha irmã estava agarrada ao corpo de minha avó enquanto as duas choravam quando puseram o caixão dentro do buraco no jardim bem cuidado que trazia leveza, ainda que, abaixo dele, corpos e mais corpos estivessem se decompondo a cada minuto.